

Distribuição Diastrática e Diafásica do /R/ na região de Coimbra

Paulo Malvar Fernández
Universidade de Santiago de Compostela
paulomal@usc.es

Delimitação do Objecto de Estudo, Metodologia e Objectivos

Este trabalho limitará o seu Objecto de Estudo à análise da distribuição das variantes fonéticas da vibrante múltipla em posição inicial e intervocálica – hoje existentes em português e de reconhecido interesse no âmbito românico, saxão e eslavo-, isto é, [r], [R] e [χ], em relação com certos factores sociais, como a idade, a profissão, o nível de estudos ou o meio social de procedência; e com factores estilísticos que possam condicionar a variação de uma variante para outra no português falado na cidade e região de Coimbra.

A justificação de que o estudo da variável /R/ se limite só aos contextos intervocálicos e iniciais está em que nestas posições a variável tem valor funcional. Fica excluído, o contexto postvocálico implosivo, em que /r/ e /R/ se neutralizam num arquifonema, por não se opor funcionalmente, sendo que a ocorrência de variantes de uma outra variável depende só de factores individuais. Fica excluído por idênticas razões o contexto de aparição em grupos consonânticos.

Por outro lado, cabe dizer que a Metodologia empregada neste trabalho esteve condicionada e limitada pela dificuldade de acesso a falantes com características como a dos indivíduos entrevistados: pessoa originária ou moradora, desde há uma proporção de anos equivalente, mais ou menos, a 2/3 da sua vida, na região e/ou cidade de Coimbra; já que para a realização pormenorizada da análise deste tipo de variação seria precisa uma estância prolongada naquela cidade, de jeito que pudesse ser entrevistado um número de pessoas maior do utilizado neste trabalho.

As técnicas de recolha de textos incluem-se dentro das técnicas de sondagem descritas por Francisco Moreno Fernández para os estudos sociolinguísticos.³ Em concreto, foi utilizada a técnica da *entrevista não estruturada dirigida*, pois foram introduzidos certos temas e questões tanto da infância dos falantes como das festas de Natal, altura em que foram feitas as entrevistas, de maneira que isto facilitasse a abstracção da situação, um tanto violenta, de se sentirem observados. Há que dizer, porém, que esta abstracção não foi nem sempre conseguida, já que a visão da máquina gravadora é um forte elemento condicionante, que leva a um estado de coibição por parte dos entrevistados.

À técnica da *entrevista não estruturada* juntou-se a técnica de *entrevista estruturada*, pois foi apresentada uma relação de palavras que continham a variável em questão, com o intuito de observar as possíveis variações de frequência existentes na realização das diferentes variantes em relação com uma mudança de registo.

À identificação da variável seleccionada e as suas diferentes variantes seguiu-se o tratamento quantitativo dos dados, apresentados em diferentes tabelas sob a forma de

³ Moreno Fernández, Francisco- *Metodología sociolingüística*, Ed. Gredos, S.A., Madrid, 1990, cap 2.5.2

percentagens, com o fim de facilitar a sua posterior análise e fazê-los visualmente apreciáveis. Da comparação dos dados percentuais obtidos fez-se uma interpretação quanto à distribuição das diferentes variantes em relação com factores sociais e estilísticos.

A finalidade deste trabalho é, deste jeito, realizar uma aproximação àquela realidade sociolinguística, debruçando-se num aspecto tão específico como é a variabilidade da vibrante múltipla na região e cidade Coimbra. Far-se-á, portanto, um estudo desta variação tendo em conta a relação desta com factores sociais e estilísticos. Tentar-se-á, assim, determinar em que medida esta variação pode constituir uma mudança em curso no português desta região e, por extrapolação, no português de Portugal, tendo em conta as apreciações feitas já por outros estudiosos neste mesmo terreno.

Introdução Histórica da Origem do /ʀ/

A origem da vibrante múltipla uvular não se pode situar em nenhum caso nalguma possível variação acontecida no latim de qualquer parte da România.

Segundo todas as gramáticas latinas consultadas, no latim existia um único tipo de /r/, pronunciado sem dúvida apoiando a ponta da língua nos alvéolos e realizando um único golpe de língua nestes. Deste jeito, a distinção entre <-r-> e <-rr->, isto é, a distinção entre a vibrante simples e geminada, como muitas outras distinções deste tipo dentro do latim, dependia da quantidade do som pronunciado. Desde este ponto de vista, a distinção não se podia considerar baseada em duas articulações diferentes de duas consoantes simples.

De qualquer maneira, a pronúncia era alveolar e assim permaneceu na passagem do latim coloquial tardio para os incipientes romances de toda a România, embora a distinção entre a vibrante simples a múltipla passa-se a ser qualitativa e já não quantitativa.

“La r- inicial latina normalmente se mantiene. En sardo, español, portugués, catalán y gascón tiene una articulación fuertemente rodada”⁵

“500. Latín -rr- permanece [...] en sardo, suditaliano y centroitaliano: carru italiano carro, suditaliano, sardo karru.- En cuanto a la Romania occidental, -rr- se simplifica en [r] en norteitaliano y retorromano, confundiéndose con la -r- latina; y así, también en rumano [...]. En cambio, permanece -rr- en la parte oeste de la Romania occidental (francés antiguo, provenzal, catalán, español y portugués) como -rr- fuertemente arrastrada [...]”⁶

O surgimento da realização uvular da vibrante múltipla produziu-se no transcurso do século XVII no francês falado em Paris, estendendo-se rapidamente a outros centros urbanos, permanecendo como alveolar, sobretudo, no rural. Desta forma, a pronúncia alveolar foi progressivamente sendo associada com valores de rusticidade e incultura, questão que propiciou a sua rápida substituição por aquela pronúncia uvular.

“Dès le XIV^e siècle, l’abaissement de l’apex et le ralentissement des battements ramènent pratiquement l’émission à un sifflement: *chaire* devient *chaise*, *narillier*, *nassill(i)er* [...]”⁷

⁵ Lausberg, Heinrich, *Lingüística Románica*, Ed. Gredos, Madrid, 1976 pág. 313

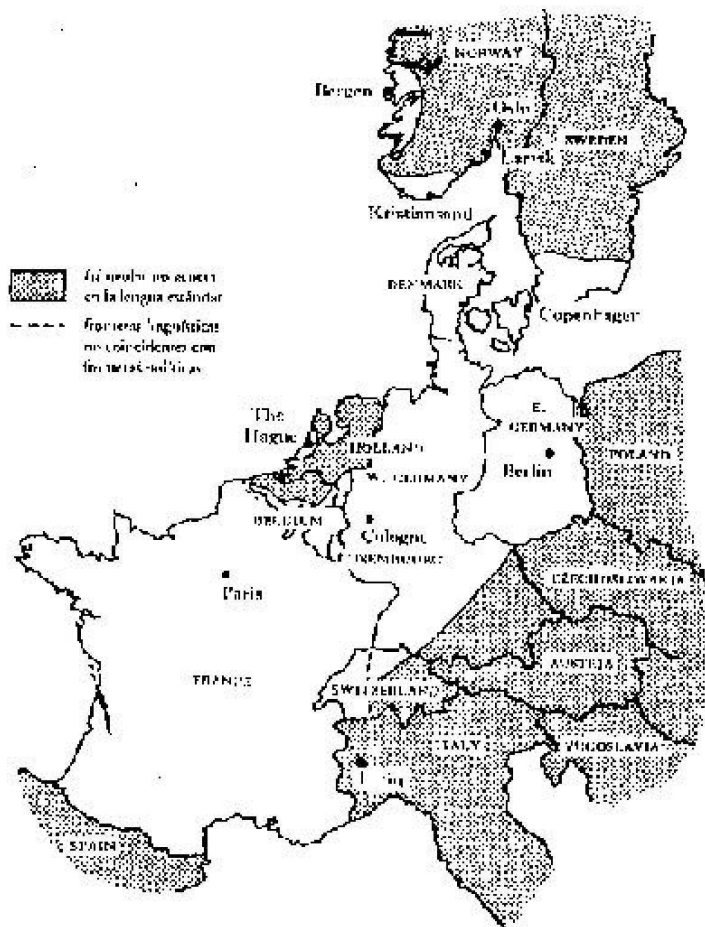
⁶ Ibidem pág. 411

⁷ Zink, Gaston, *Phonétique historique du français*, Linguistique Nouvelle, Presse Universitaires de France, Paris, 1986, pág. 245

Este relaxamento na pronúncia estava, pois, trazendo consigo a confusão com o som [s], de maneira que no intuito de a evitar, a pronúncia da vibrante deslocou o seu ponto de articulação desde a posição alveolar para a uvular. Este novo ponto de articulação, que no início afectava a vibrante múltipla, como já se disse, estendeu-se para a vibrante simples e para a actualização concreta do arquifona vibrante sito em posição implosiva.

A condição de língua franca que o francês foi atingindo a partir do século XVII, pois esta era a segunda língua aprendida na maioria de cortes europeias e, por imitação destas, na maioria de casas burguesas de toda a Europa; propiciou um a expansão da pronúncia uvular da vibrante múltipla a outras língua da Europa.

“La /r/ uvular empezó en París probablemente hacia 1600; hacia 1780 había alcanzado Copenhague y en 1890 se había extendido hacia el sur de Suecia [...]”⁸

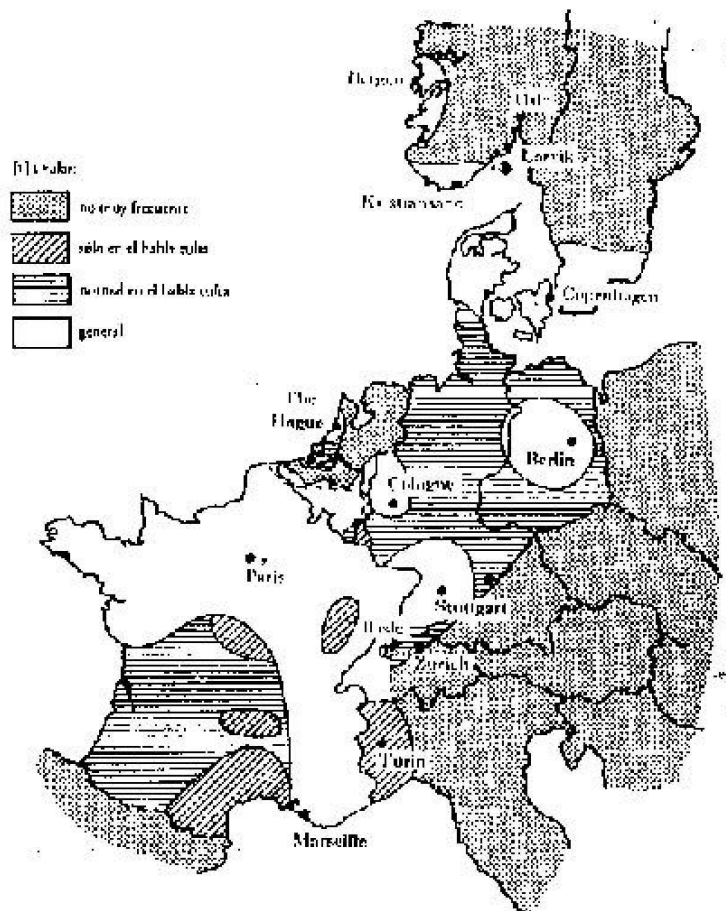


Mapa 11-3. /r/ uvular europea (según Trudgill 1974e)

⁸ Chambers e Trudgill, *La Dialectología*, Visor Libros, Madrid, 1994 pp. 233-234. Também mapa pertencente à página 234 deste mesmo livro

A interferência produzida poder-se-ia dever ao facto de ter sido esta pronúncia uvular sentida por parte das/os nobres e burguesas/es como uma particularidade linguística detentória de um certo prestígio social. Isto é, ao ser o francês a única das línguas da Europa que possuía esta realização uvular, a utilização desta pronúncia nas suas próprias línguas podia ser uma demonstração do seu domínio da língua francesa, língua de prestígio na altura, e, portanto, marca de cultura e de prestígio social.

Esta é só uma hipótese, mas do meu ponto de vista perfeitamente plausível, dada a distribuição diastrática desta pronúncia registada no seguinte mapa⁹:



Mapa 11-6 La /r/ uvular especificamente desde la perspectiva social. (según Trudgill 1974d)

A distribuição social da variante uvular demonstra, pois, que esta se regista quantitativamente mais na fala culta do que na fala coloquial.

No que diz respeito à situação actual doutras línguas românicas, cabe pontualizar que no italiano ainda vigora a realização alveolar procedente do latim.

“Teniendo en cuenta que las letras b, d, f, l, m, n, p, r, s, t, se pronuncian como sus correspondientes españolas, [...]”¹⁰

⁹ Mapa pertencente à página 239 de Chambers e Trudgill, *La Dialectología*, Visor Libros, Madrid,

¹⁰ Battaglia, Giovanni- *Grammatica italiana*, Vittorio Bonacci Editora, Roma, 1962, pág. 10

No ocitano vigora também esta pronúncia em detrimento da uvular.

“51. R lengadocian correspond pas a r francés mas a r catalan o espanhòl, [...]”¹¹

O catalão, por sua vez, também regista a realização alveolar; assim como o asturiano.

No castelhano a situação é, porém, mais complexa. Assim, enquanto na Península Ibérica a realização alveolar é considerada a normal e, portanto, a correcta, de maneira que a actualização dos alofones velar ou uvular é sentida como anormal;

“Los dos fonemas vibrantes /r/ y /r̄/ se realizan alveolares, pero no siendo distintivo este rasgo, hay hablantes que incorrectamente los articulan como velares o uvulares.”¹²

no espanhol da América convivem tanto a realização alveolar quanto a uvular. Neste sentido, as informações obtidas a partir do linguista D. Canfield apontam que a realização uvular é característica do espanhol falado em Porto Rico; se bem este não é um fenómeno desconhecido em Cuba, Santo Domingo ou nas costas de Venezuela e da Colômbia.

“[...] la /ʁ/ velar –sorda o sonora- que se da tanto en Puerto Rico, y que ahora se conoce en Cuba, en Santo Domingo y recientemente en las costas de Colombia y Venezuela.[...]”

El hecho es que el fenómeno [ʁ] se considera hoy puertorriqueño.”¹³

Este autor atribui esta realização uvular a uma reprodução do fonema /r/ e a uma subsequente perpetuação daquele alofone:

“[...] Sin embargo, esto no explicaría el caso francés y puede que haya sido efecto de la mala reproducción bajo condiciones que favorecerían la perpetuación de la nueva articulación.”¹⁴

Para podermos fazer uma correcta interpretação deste fenómeno no português de Portugal e do Brasil, convir-nos-ia fazer primeiro um pequeno percurso histórico através do apontado por diferentes gramáticos.

Deste jeito, cabe notar que as primeiras pontualizações de teor gramatical, pertencentes a Fernão de Oliveira, demonstram que no s. XVI em Portugal só existia a realização alveolar, sendo que a uvular era ainda desconhecida, dada a inexistência ainda desta realização no primeiro francês.

“Pronuncia-se o r singelo com a língua pegada nos dentes queixais de cima, e sai o bafo tremendo na ponta da língua. Do rr dobrado, a pronúnciação é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengivas de cima, e o singelo não treme tanto, mas talvez é semelhante ao l.”¹⁵

¹¹ Alibèrt, Loïs- *Gramática Occitana*, Centre d’estudis occitans, Montpelhièr, 1976, pág. 35

¹² Alarcos Llorach, E.- *Gramática de la Lengua Española*, Espasa, Madrid, 1996 pág. 34

¹³ Canfield, D.- *La pronunciación del español en América*, Unyversity Microfilms International, Londres, 1979 pp. 91-92

¹⁴ Ibidem pág. 92

¹⁵ Isensee Callou, Dinah M.- *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1987 pág. 13

Duarte Nunes de Leão e João de Barros apontam também na mesma direcção nos seus escritos gramaticais.

No que diz respeito ao Brasil, é necessário destacar que os portugueses aquando da sua chegada a estas terras ficaram surpreendidos com a ausência do fonema vibrante múltiplo.

“A língoa de que usam toda pela costa é hũa [...]. Carece de três letras, convém a saber, nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna d’espanto, porque assi nam tem Fé, nem Lei, nem Rei [...]”¹⁶

As primeiras informações que falam da realização uvular da vibrante múltipla pertencem à autoria de Gonçalves Viana, que a considera, no caso de Portugal, em 1883 como uma inovação oriunda da cidade de Lisboa e que não é senão uma variante individual.

“L’ancitipe centrale vibrante rr (r) est le initial ou rr double des langues néo-latine, le français excepté. Elle est prononcée un peu plus en arrière que r simple, et est généralement linguale. On trouvera individuellement des r vibrantes uvulaires, même parmi de gens qui prononcent r simple comme une linguale.”¹⁷

Este linguista assinala, porém, que a realização uvular é muito característica dos brasileiros, se bem diz não a saber classificar nesse caso como dialectal ou uvular.

“Ce r fricatif sonore est cependant assez fréquent dans la prononciation des Brésiliens, et remplace chez eux le r vibrant; je ne saurais dire, toutefois, jusqu’à quel point cette prononciation est individuelle ou dialectale [...]”¹⁸

Em 1902 na sua obra *Portugais* o próprio Gonçalves Viana volta mais uma vez sobre o tema, apontando que

“A pronúncia uvular de rr [...] difundiu-se cada vez mais nas cidades. Entretanto, considera-se ainda viciosa, sendo preferível sempre o rr apical ao grassement de R [...]”¹⁹

Leite de Vasconcelos na sua *Esquisse d’une dialectologie Portugaise* atribui a realização uvular aos habitantes de Setúbal, se bem considera esta pronúncia geral tanto para a vibrante simples quanto múltipla.

“[...] Dans la prononciation des habitants de Setúbal, [...], il ya une R grasseyée qui correspond soit à l’r «lenis», soit à l’r fort (rr) de la langue littéraire.[...]”²⁰

Se bem Paiva Boléo omite qualquer referência à questão das realizações da vibrante, por não ter, segundo ele diz, ainda estudado a variedade de Lisboa, no momento de publicar

¹⁶ Aparecida Ribeiro, Maria- *Literatura Brasileira*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995 pág. 20

¹⁷ Gonçalves Viana, A. R.- *Estudos de Fonética Portuguesa*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1973 pág. 102

¹⁸ Op. Cit. Gonçalves Viana, A. R., 1973 pág. 102

¹⁹ Op. Cit. Isensee Callou, Dinah M. pág. 10

²⁰ Leite de Vasconcelos, J.- *Esquisse d’une dialectologie Portugaise*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1970, pág. 98

os seus *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*; resulta curiosa a apreciação de Pilar Vázquez Cuesta e M^a Albertina Mendes da Luz, as quais consideram a realização uvular uma pronúncia muito moderna. De qualquer jeito, mais notável é a apreciação que fazem quanto ao inexorável avanço desta pronúncia, “que tende a estender-se a todo o país em detrimento do r tradicional (r̄), que é igual ao espanhol.”²¹

Lindley Cintra e Celso Cunha na sequência dos anos 70 consideram já que a notação do fonema vibrante múltiplo deve ser /R/ “por ser esta a sua pronúncia mais corrente, no português de Lisboa e do Rio de Janeiro.”²²

Reconhecem, porém, a ainda grande extensão na altura da realização alveolar, notando que no Brasil existe ainda mais uma realização chamada línguo-palatal velarizada, característica do Norte da região de São Paulo, Sul de Minas Gerais e outras partes do Brasil, conhecido pelo nome de r-caipira.

Paul Teyssier faz, por um lado, na sua *História da língua portuguesa* um breve repasso sobre a mudança ocorrida quanto ao ponto de articulação da vibrante múltipla, de alveolar para uvular; enquanto no seu *Manual da Língua Portuguesa* diz ser preferência adotar a pronúncia uvular, por ser esta a mais generalizada em Portugal e no Brasil.

Finalmente, o contributo de Morais Barbosa apresenta-se-nos relevante em dois sentidos. Em primeiro lugar, consoante à escola em que se insere, isto é, o Funcionalismo, Morais Barbosa diz dever-se a mudança de ponto de articulação a razões puramente articulatórias, já que “La réalisation du /r/ se fait par des vibrations, plus ou moins nombreuse (au moins deux), de la luette. C’est donc une consonne qui [...] demande normalement plus de temps que toute autre pour être articulée. Elle demande par là aussi un effort supplémentaire, auquel les sujets parlants n’ont pas dû être insensibles et qu’en toute inconscience ils auraient été naturellement tentés d’éviter. Le résultat d’un tel relâchement est un r constitué par une constriction du passage buccal à la hauteur de la luette, ce qui est fort explicable par le fait que l’articulation en question n’a pas besoin de ses battements uvulaires pour être parfaitement identifiable”²³

Em segundo lugar, a sua contribuição é relevante, pois ele nota se estar a produzir no português uma outra mudança que leva para a substituição da uvular sonora por uma uvular surda, [χ], em certo modo também devida a razões de economia. Deste jeito, “une partie de l’énergie de base est perdue pour les sonores à la hauteur de la glotte, lorsqu’elle est utilisée pour la mise en vibration des cordes vocales”²⁴.

Do meu ponto de vista, se bem o surgimento da realização uvular não pode ser atribuída a tais razões articulatórias, pois antes tem a sua base no prestígio do francês atingido no decorrer dos ss. XVIII e XIX, tal e como já foi explicado; o surgimento da realização surda sim poderá ter alguma base no menor esforço necessário para a actualizar.

Voltando sobre a primeira questão, cabe ainda dizer que só assim se poderia explicar a grande aceitação daquela pronúncia uvular no Brasil, que provavelmente veio da mão do assentamento da corte portuguesa no Rio de Janeiro, na sequência da sua

²¹ Vázquez Cuesta, Pilar e Mendes da Luz, M^a Albertina- Gramática da língua portuguesa, Edições 70, Lisboa, 1971 pág. 314

²² Cunha, C. E Cintra, L- *Nova Gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 15^a Edição, 1997, pág. 46

²³ Morais Barbosa, J.- “Sur le /r/ portugais” in *Miscelânea Homenaje a André Martinet*, 3, Universidad de La Laguna, 1962, pág. 222

²⁴ *Ibidem* pág. 224

fugida de Portugal na altura das invasões francesas do século XIX. O Rio de Janeiro, que se converteu em capital do Brasil foi também, do meu ponto de vista, centro irradiador desta realização para outras zonas de um Brasil, que no século XIX recebeu uma importantíssima influência francesa na corte de D. Pedro I, imitadora esta dos modelos mais prestigiados daquele século.

Assim, actualmente a situação é a seguinte no Brasil e em Portugal. No primeiro país temos para a vibrante múltipla quatro realizações possíveis.

- “1) Vibrante múltipla anterior ápico-alveolar sonora: /r/
- 2) Vibrante múltipla posterior sonora (uvular, de preferência): [R]
- 3) Fricativa velar [χ], surda [...]
- 4) fricativa laríngea (aspiração) [h], surda [...]”²⁵

Sendo que “[...] a realização ápico-alveolar continua a ser considerada norma padrão para a linguagem da rádio, teatro e televisão, sendo, ainda, considerada a variante de “maior prestígio”;²⁶

Em Portugal temos quando menos três realizações: uma alveolar, uma uvular sonora e outra uvular surda. Este trabalho tratará, pois, de desvendar qual pode ser hoje a sua distribuição diastrática e diafásica a partir da análise do caso particular da área metropolitana de Coimbra.

Definição dos Parâmetros Sociais distinguidos

Ao ser iniciada uma investigação sociolinguística não é possível conhecer a priori que factores sociais podem influir ou são relevantes na variação linguística de uma comunidade. Tal e como diz Moreno Fernández: “no es posible conocer de antemano qué tipo de variables sociales van a actuar sobre unos elementos lingüísticos en una comunidad dada. [...] porque los factores sociales actúan sobre la lengua de una forma irregular [...]”³⁴

Neste trabalho foram seleccionadas, pois, a seguintes variáveis sociais, todas elas susceptíveis de influir na distribuição da variação das diferentes variantes da variável /R/:

-Sexo: A justificação da escolha deste parâmetro vem de que nas investigações sociolinguísticas se tem observado que as mulheres são mais propensas a se ajustar a usos prestigiosos (não necessariamente normativos), dada necessidade sentida pelas mulheres de reafirmar a sua posição social, dado o seu tradicional rol de subordinação. Esta, porém, é uma tendência que progressivamente vai mudando (nalguns lugares mais rapidamente do que noutros), devido à incorporação da mulher ao mercado laboral e a incorporação a postos considerados de prestígio, em que detentam um certo poder.

-Idade: A preferência pela factor idade deve-se a que este parâmetro permite a observação das diferenças nos usos linguísticos das diferentes gerações que conformam uma comunidade, podendo-se estabelecer hipóteses acerca de possíveis processos de

²⁵ Op. Cit. Isensee Callou, Dinah M., pág. 8

²⁶ Ibibem, pág. 17

³⁴ Op Cit Moreno Fernández, F., 1998, pág. 33

mudança em curso que possam estar a ter lugar numa língua, dialecto ou sociolecto específicos.

Neste trabalho fez-se uma divisão em quatro faixas etárias diferentes que permitirão determinar os processos de mudança em curso que possam estar a ter lugar no uso das diferentes variantes identificadas para a variável /R/. A saber: 16-25 anos, 25-40 anos, 40-60 anos e +60 anos.

-Nível de estudos: Tradicionalmente este tem sido um dos parâmetros usados para o estabelecimento das divisões dentro de uma outra variável, chamada Classe Social. Neste trabalho, dadas as dificuldades para o estabelecimento de umas claras divisões dentro deste parâmetro e ao difícil acesso a toda uma série de informações do tipo Ingresso Económicos, também empregues para o estabelecimento daquelas divisões; preferiu-se atender de forma independente tanto ao factor Nível de Estudos como ao de Profissão. Embora tenham um tratamento independente estes dois factores, vistos desde uma perspectiva global terão o mesmo efeito que o de Classe Social, pois a Profissão e o Nível de Estudos estão intimamente ligados, desde que é necessário o submetimento a uma escolarização sequencializada e continuada para o atingimento de certas profissões.

Atendendo particularmente ao Nível de Estudos é facilmente deduzível que um maior Nível de Estudos traz consigo uma aprendizagem mais fortemente formalizada tanto de usos linguísticos normativos quanto prestigiosos. Neste sentido, foram feitas três divisões dependentes do grau de instrução dos informantes: Nível de Estudos Primários, Secundários e Universitários.

-Profissão: Como já foi explicado no parâmetro Nível de Estudos, o acesso a profissões de prestígio leva consigo necessariamente o submetimento a uma formação escolar sequencializada e continuada. Por isso, normalmente são associados usos linguísticos prestigiosos e profissões também prestigiosas.

Para o estabelecimento das diferentes categorias profissionais dentro desta variável social foram encontrados problemas que dizem respeito à representatividade das ocupações eleitas. Deste jeito, preferiu-se a delimitação de categorias mais ou menos gerais, que permitam uma certa flexibilidade na inclusão das/os informantes. Foram distinguidas, pois, as seguintes categorias: População não activa, Trabalhadoras/es não qualificadas/os, Trabalhadoras/es qualificadas/os e Funcionárias/os.

-Procedência Geográfica: Este é um parâmetro de suma importância nas sociedades em que existe uma clara distinção “rural” vs “urbano”. No caso da cidade e periferia de Coimbra este poder-se-ia dizer não ser um factor determinante, já que a diferenciação “urbano”/“rural” é mais progressiva do que taxativa. Porém, Portugal é um país em que as diferenças “campo”/“cidade” são muito fortes, dada a pouca mobilidade das/os suas/seus habitantes e a forte associação entre usos linguísticos arcaicos ou pouco prestigiados e as zonas mais rurais e/ou isoladas.

Neste trabalho diferenciar-se-á, portanto, entre: Procedência geográfica rural e Procedência geográfica urbana.

Análise quantitativa dos dados empíricos

Sexo

Tabela 1

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-------|-------|-------|
| Mulheres | 24,7% | 34,2% | 41,1% |
| Homens | 0% | 0% | 100% |

Nesta tabela podemos observar uma clara preferência da variante [r] por parte dos Homens, enquanto nas mulheres as duas variantes uvulares têm em conjunto uma percentagem maior do que a alveolar. Dentro das uvulares podemos constatar, por sua vez, uma ligeira preferência pela variante surda.

Tabela 2

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-------|-------|-------|
| Mulheres | 19,7% | 19,7% | 60,5% |
| Homens | 0% | 0% | 100% |

No caso dos Homens as percentagens permanecem idênticas às da tabela anterior, de jeito que a variante [r] é a majoritária. No caso das Mulheres as percentagens inclinam-se agora para a variante alveolar, que alcança uma percentagem de 60,5%. As variantes uvulares igualam as suas percentagens, mantendo-se em conjunto por baixo da percentagem da variante alveolar.

Nível de estudos

Tabela 3

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|------------------------|-------|-------|-------|
| Primária | 13,3% | 6,7% | 80% |
| Secundária | 11,7% | 0% | 88,3% |
| Estudos Universitários | 25,5% | 48,9% | 25,5% |

Observa-se uma clara diferenciação entre as percentagens de Primária e Secundária, por um lado, e as de Estudos Universitários, por outro. Para o primeiro grupo as percentagens de [r] são esmagadoramente majoritárias, situando-se por volta do 80%. Nos Estudos Universitários a situação muda. As variantes uvulares são em conjunto majoritárias, verificando-se dentro destas uma maior percentagem de [χ] que quase alcança um 50% do total à diferença dos níveis de Primária e Secundária, em que apenas se verifica esta variante.

Tabela 4

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-------|-------|-----|
| Primária | 12,5% | 12,5% | 75% |
| Secundária | 16,6% | 13,3% | 70% |
| Estudos Universitários | 20% | 20% | 60% |

Neste registo para qualquer dos níveis de estudos a variante [r] é majoritária, não baixando as suas percentagens do 60%. Cabe destacar, porém, um progressivo descenso destas percentagens conforme aumenta o nível de estudos. As percentagens são, pois, maiores quanto menor é o nível de estudos. Dentro das variantes uvulares não se pode

apreciar uma significativa diferenciação entre as percentagens da variante sonora e a surda.

Origem Geográfica

Tabela 5

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-------|-------|-------|
| Urbana | 28,8% | 46,6% | 24,4% |
| Rural | 10,2% | 8,2% | 81,6% |

Observa-se uma clara diferenciação entre as percentagens das/os informantes de origem Urbana e Rural. Enquanto para os primeiros são claramente superiores as percentagens das variantes uvulares; para os segundos a variante [r] é majoritariamente preferente. Dentro da Origem Urbana cabe destacar a preferência pela variante uvular surda frente à sonora.

Tabela 6

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-------|-------|-------|
| Urbana | 36,6% | 26,6% | 36,6% |
| Rural | 7,1% | 10% | 82,9% |

Neste registo as percentagens são similares às da tabela anterior.

Idade

Tabela 7

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-------|-------|-------|
| 16-25 anos | 21,1% | 52,6% | 26,3% |
| 25-40 anos | 75% | 25% | 0% |
| 40-60 anos | 18,2% | 29,5% | 52,3% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Há que fazer dois grupos de idade entre os quais se observam notáveis diferenças. O grupo de informantes de 16-25 anos e de 25-40 anos mostram uma clara preferência pelas variantes uvulares; enquanto o grupo de 40-60 anos e +60 anos mostram-na pela variante alveolar. Dentro do primeiro grupo observa-se uma diferença dentro das variantes uvulares, de maneira que para as/os informantes de 25-40 anos é majoritária a sonora frente à surda. Para os de 16-25 anos, porém, é majoritária a surda frente à sonora. Observa-se, pois, uma evolução para a surda conforme se desce de faixa etária.

Para o grupo de informantes de 40-60 anos e +60 anos observa-se um descenso dentro das percentagens da variante [r], passando de ser de 100% para as/os de +60 anos para 52,3% nas/os de 40-60 anos.

A tendência das percentagens indica uma progressiva perda da variante alveolar em favor das uvulares e, dentro destas, uma polarização em favor de [χ] nas idades mais novas.

Tabela 8

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|-----|
| 16-25 anos | 20% | 20% | 60% |
| 25-40 anos | 50% | 45% | 5% |

| | | | |
|------------|----|----|------|
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Neste registo a variante [r] é majoritária para as/os informantes de 16-25 anos, de 40-60 anos e +60 anos, sendo nestas duas últimas faixas etárias a única variante registada. Deste jeito, fica isolada a faixa de 25-40 anos onde as variantes uvulares somam um 95% das realizações, não se apreciando apenas diferença entre as suas percentagens.

Profissão

Tabela 9

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|--------------------------------------|-------|-------|-------|
| População não activa | 14,3% | 38,1% | 47,6% |
| Trabalhadoras/es não qualificadas/os | 21,1% | 10,5% | 68,4% |
| Trabalhadoras/es qualificadas/os | 11,1% | 0% | 88,9% |
| Funcionárias/os | 25% | 41,7% | 33,3% |

A População não activa e as/os Funcionárias/os registam uma ligeira preferência pelas variantes uvulares; enquanto as/os Trabalhadoras/es não qualificadas/os e as/os Trabalhadoras/es qualificadas/os mostram uma já mais polarizada preferência pela variante alveolar. De qualquer jeito, na População não activa as percentagens de [r] acercam-se ao 50%. Tanto nesta quanto nas/os Funcionárias/os dentro das variantes uvulares as percentagens de [χ] são majoritárias.

Tabela 10

| Leitura de palavras | [R] | [χ] | [r] |
|--------------------------------------|-------|-----|-------|
| População não activa | 30% | 20% | 50% |
| Trabalhadoras/es não qualificadas/os | 25% | 25% | 50% |
| Trabalhadoras/es qualificadas/os | 12,5% | 10% | 77,5% |
| Funcionárias/os | 0% | 10% | 90% |

No registo de leitura de palavras a variante [r] é majoritária para as/os Trabalhadoras/es qualificadas/os e as/os Funcionárias/os; enquanto para a População não activa e para as/os Trabalhadoras/es não qualificadas/os as percentagens são de 50%, de maneira que se regista um equilíbrio entre as variantes uvulares e a variante alveolar.

No que diz respeito às variantes uvulares aprecia-se uma ligeira polarização em favor de [R] frente a [χ], se bem a diferença de percentagens não se pode afirmar significativa.

Uma vez estudadas todas as percentagens das variantes de /r/ em relação com os parâmetros sociais puros, pode-se dizer que resulta especialmente clara a distinção de percentagens das variantes uvulares frente à alveolar nos parâmetros idade, nível de estudos e origem geográfica. Deste jeito, a preferência pelas primeiras parece ser um fenómeno mais urbano, das idades mais novas e dos níveis de estudos superiores.

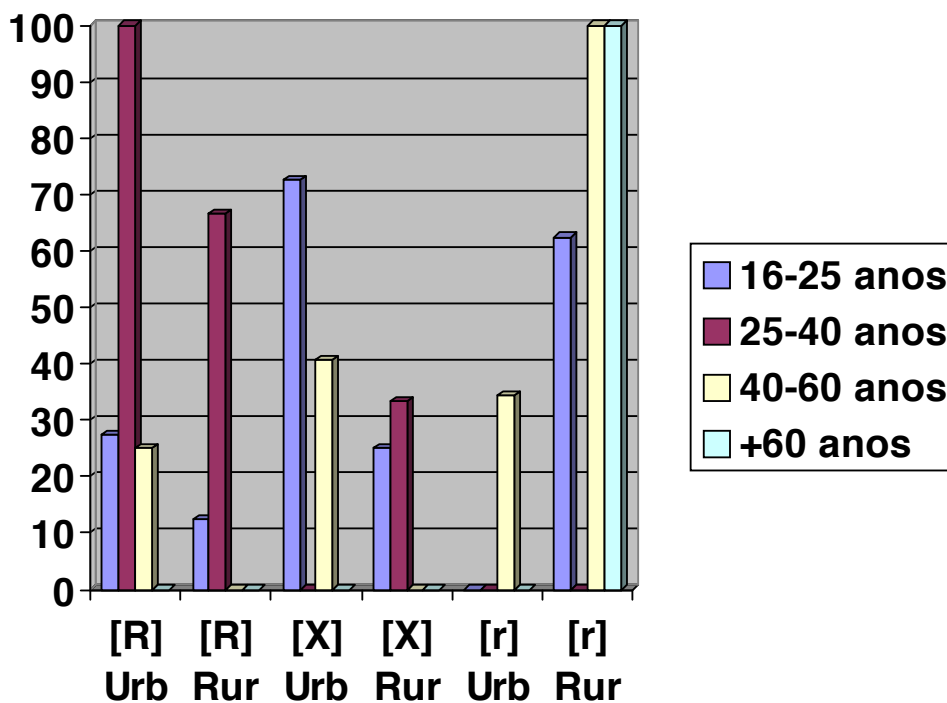
Quanto à diferença de estilos, resulta curiosa a maior predilecção registada em favor da variante [r] no estilo mais formal de leitura de palavras frente à conversa. A

diferenciação pode-se afirmar ligeira mas significativa. De qualquer jeito, esta polarização não deixa de resultar curiosa sabendo que a variante [r] é a etimológica do português e a mais usual entre as pessoas de origem rural e de menor nível de estudos e, portanto, menos vinculada a situações de formalidade. A isto cabe acrescentar que as variantes uvulares são as hoje preferidas pela norma, se bem existe qualquer relação da norma com a variante [r], pois esta era até há 20 ou 30 anos a veiculada pela própria norma. Desta forma, existiria uma certa relação entre as pessoas de idade avançada e níveis de estudos avançados, cuja preferência seria a da variante [r].

Isto poder-se-á verificar com mais clareza nas seguintes tabelas, já que serão cruzados alguns dos parâmetros sociais antes estudados com o intuito de comprovar as possíveis ligações entre eles.

Origem geográfica e Idade

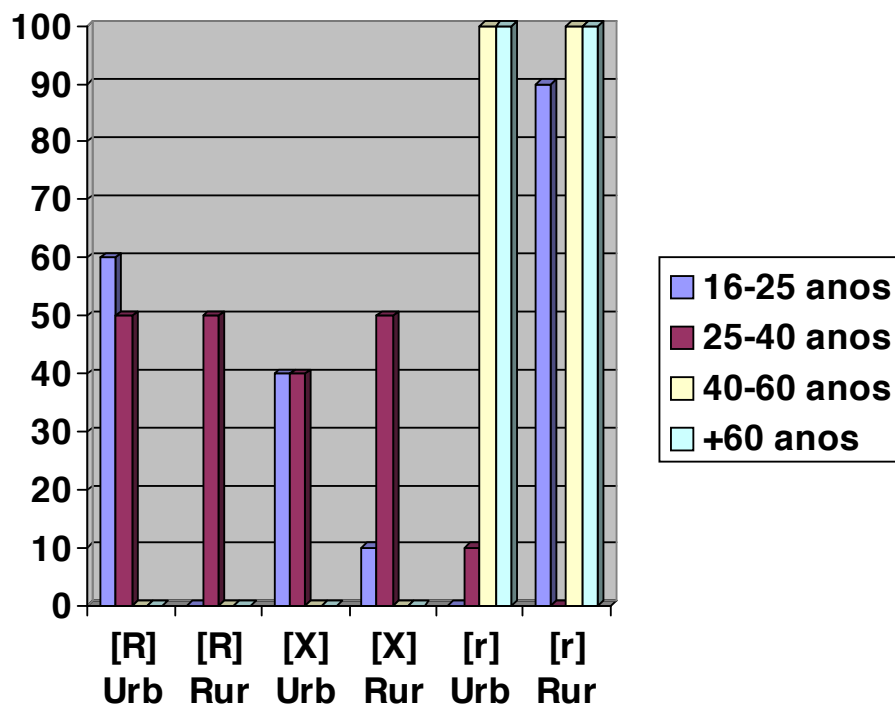
Tabela 11



No estilo de conversa, a que pertencem as percentagens da tabela 11, observa-se para a Origem Urbana uma clara polarização para as variantes uvulares em todas as idades para que se têm dados, isto é, todas excepto informantes de +60 anos. Na faixa etária de 40-60 anos a variante [r] alcança, porém percentagens de realização de 34,4%. Na origem geográfica rural a balança inclina-se do lado da variante [r], única nas faixas etárias de 40-60 anos e +60 anos e majoritárias (62,5%) na faixa etária de 16-25 anos. Curiosamente na de 25-40 anos só temos variantes uvulares registadas.

Dentro das variantes uvulares as percentagens oscilam de uma para outra variante sem se encontrar uma regularidade mais do que a preferência pela uvular surda na faixa etária de 16-25 anos, tanto para a Origem Urbana quanto para a Rural.

Tabela 12



No estilo de leitura de palavras (tabela 12) observa-se para a Origem Urbana uma preferência pelas variantes [R] e [χ] nas faixas etárias 16-25 anos e 25-40 anos, em que a [r] é majoritária ; enquanto se constata numa clara oposição a faixa etária de 40-60 anos em que a variante alveolar é a única. Na Origem Rural esta variante continua sendo altamente preferida, sendo única para as faixas etárias de 40-60 anos e +60 anos. Curiosamente a faixa de 25-40 anos volta mostrar uma inclinação pelas variantes uvulares. Para estas variantes volta-se registar uma oscilação de percentagens que situa os seus índices de realização em posições mais ou menos equilibradas.

Profissão e Idade

Tabela 13- População não activa

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|------------|-------|-------|------|
| 16-25 anos | 27,3% | 72,7% | 0% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 14- Trabalhadoras/es não qualificadas/os

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|------------|-------|-------|------|
| 25-40 anos | 66,7% | 33,3% | 0% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 15- Trabalhadoras/es qualificadas/os

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|------------|-----|-----|------|
| 16-25 anos | 0% | 0% | 100% |

| | | | |
|------------|------|----|------|
| 25-40 anos | 100% | 0% | 0% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 16- Funcinárias/os

| | | | |
|-----------------|-----|-------|-------|
| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
| 16-25 anos | 25% | 50% | 25% |
| 40-60 anos | 25% | 40,6% | 34,4% |

No estilo de conversa (tabelas 13, 14, 15, 16) para a População não activa só se têm dados para as faixas etárias de 16-25 anos e +60 anos. A diferenciação quanto às preferências pelas uvulares ou a alveolar é clara. As/os informantes jovens preferem as uvulares, em concreto a variante [χ], e as/os mais velhas/os registam a alveolar como única solução.

Para as/os Trabalhadoras/es não qualificadas/os só se têm dados das faixas etárias de 25-40 anos e de 40-60 anos. A distribuição percentual continua sendo como a anterior, isto é, as/os mais velhas/os determinam a alveolar como única variante e as/os mais novas/os as uvulares como preferentes, em concreto [R] como a mais registada.

Para as/os Trabalhadoras/es qualificadas/os têm-se dados das faixas 16-25 anos, 25-40 anos e 40-60 anos. Neste caso [r] é única para as/os informantes mais novas/os e mais velhas/os e [R], isto é uma variante uvular, também única para a faixa etária intermédia.

Para as/os Funcinárias/os dispõe-se de dados das faixas 16-25 anos e 40-60 anos. Em ambas as faixas as uvulares são majoritárias frente à alveolar, que no caso das/os mais jovens diminui as suas percentagens para 25% das realizações totais.

Dentro das uvulares a variante surda é sempre a preferente, aumentando o seu índice de realização conforme se diminui em idade

Tabela 17- População não activa

| | | | |
|----------------------------|-----|-----|------|
| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
| 16-25 anos | 60% | 40% | 0% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 18- Trabalhadoras/es não qualificadas/os

| | | | |
|----------------------------|-----|-----|------|
| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
| 25-40 anos | 50% | 50% | 0% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 19- Trabalhadoras/es qualificadas/os

| | | | |
|----------------------------|-----|-----|------|
| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
| 16-25 anos | 0% | 0% | 100% |
| 25-40 anos | 50% | 40% | 10% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 20- Funcionárias/os

| | | | |
|-------------------|-----|-----|-----|
| Leitura de | [R] | [χ] | [r] |
|-------------------|-----|-----|-----|

| Palavras | | | |
|-----------------|----|-----|------|
| 16-25 anos | 0% | 20% | 80% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

No estilo de leitura de palavras (tabelas 17, 18, 19 e 20) para a População não activa as/os jovens continuam preferindo as variantes uvulares e as/os velhas/os a alveolar. Dentro das primeiras a variante sonora é agora majoritária.

Para as/os trabalhadoras/es não qualificadas/os, tal e como aconteciam no estilo de conversa, as percentagens mantêm-se na mesma direcção, isto é, novas/os registando as variantes uvulares como majoritárias, enquanto as/os velhas/os registam a alveolar. As percentagens de [R] e [χ] igualam-se na faixa etária de 25-40 anos com índices de 50%.

Nas/os trabalhadoras/es qualificadas/os mantêm-se também o mesmo tipo de distribuição percentual que no estilo de conversa. Só mudam as percentagens entre as uvulares na faixa etária de 25-40 anos, em que se igualam os índices entre a variante surda e a sonora.

Para as/os Funcionárias/os sim se constata uma mudança, aumentando as percentagens de realização de [r] até ser a única variante registada na faixa das/os informantes de maior idade e até se situar no 80% nos de menor idade. Vai-se, pois, confirmando a hipótese de estar ligada uma maior idade e um maior nível de estudos, necessário para desempenhar o trabalho de funcionária/o, e o facto de há 20 ou 30 anos ser [r] a variante veiculada pela norma.

Os seguintes parâmetros cruzados serão o Sexo e a Idade. Neste caso distinguir-se-á entre as diferentes faixas etárias para as quais se tenham dados dentro de Homens e Mulheres.

Tabela 21- Homens

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-----|-----|------|
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 22- Mulheres

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-------|-------|-------|
| 16-25 anos | 21,1% | 52,6% | 26,3% |
| 25-40 anos | 75% | 25% | 0% |
| 40-60 anos | 24,2% | 39,4% | 36,4% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

No estilo de conversa (tabelas 21 e 22) para os Homens só se têm dados para as faixas de 40-60 anos e +60 anos, em que a variante [r] é a única registada. Para as Mulheres obtiveram-se dados para todas as faixas etárias, verificando-se através da comparação entre elas um progressivo descenso das percentagens de realização de [r], que passa de ser única para as/os informantes de +60 anos a ser minoritária no resto, senão inexistente, como no caso das/os informantes de 25-40 anos. Só nestas/es a variante uvular sonora é majoritária, sendo-o [χ] nas/os de 16-25 anos e 40-60 anos, se bem se pode observar um progressivo aumento conforme diminui a idade.

Tabela 23- Homens

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|------|
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 24- Mulheres

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|------|
| 16-25 anos | 20% | 20% | 60% |
| 25-40 anos | 50% | 45% | 5% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

No estilo de leitura de palavras (tabelas 23 e 24) a situação não muda para os Homens em relação às percentagens da conversa, mas sim no caso das Mulheres. Nelas, se bem a faixa etária de 25-40 anos continua preferindo as variantes uvulares maioritariamente. No resto de faixas as percentagens de [r] aumentam, fazendo desta variante a única registada nas/nos informantes de 40-60 anos e +60 anos, e elevando até 60% as percentagens nas/nos informantes mais jovens. Dentro das variantes uvulares as percentagens voltam a se equilibrar.

Nível de Estudos e Idade

Tabela 25- Primária

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-------|-------|------|
| 25-40 anos | 66,7% | 33,3% | 0% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 26- Secundária

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|------|-----|------|
| 26-25 anos | 0% | 0% | 100% |
| 25-40 anos | 100% | 0% | 0% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 27- Estudos Universitários

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|-----------------|-------|-------|-------|
| 16-25 anos | 26,7% | 66,7% | 6,6% |
| 40-60 anos | 25% | 40,6% | 34,4% |

No registo de conversa (tabelas 25, 26, 27) para o Nível de Primária dispõe-se de dados para as faixas etárias de 25-40 anos, de 40-60 anos e +60 anos. As duas últimas faixas determinam a variante alveolar como a única, sendo que a de 25-40 anos prefere as uvulares e, sobretudo, o [R] frente ao [χ].

No Nível de Secundária têm-se dados das faixas de 16-25 anos, 25-40 anos e 40-60 anos. As/os mais jovens e as/os mais velhos registam como única variante [r], enquanto a faixa intermédia só regista a variante uvular sonora.

No Nível de Estudos Universitários, para o qual só se dispõe de dados das faixas etárias de 16-25 anos e 40-60 anos, pode-se observar uma situação de equilíbrio com predominância das variantes uvulares na faixa das/os informantes mais velhas/os. Este equilíbrio rompe-se na faixa das/os mais novas/os que maioritariamente registam realizações das variantes uvulares, sendo majoritária a uvular surda.

Tabela 28- Primária

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|------|
| 25-40 anos | 50% | 50% | 0% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |
| +60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 29- Secundária

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|------|
| 26-25 anos | 0% | 0% | 100% |
| 25-40 anos | 50% | 40% | 10% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

Tabela 30- Estudos Universitários

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|------|
| 16-25 anos | 30% | 30% | 40% |
| 40-60 anos | 0% | 0% | 100% |

No estilo de leitura de palavras (tabelas 28, 29 e 30) para o Nível de Primária mantém-se a direcção das percentagens nas diferentes faixas etárias constatada no estilo de conversa. Isto é, as faixas de 40-60 anos e +60 anos têm como única realização [r] e a de 25-40 prefere as uvulares, que igualam os seus índices de realização.

Para o Nível de Secundária há que dizer o mesmo já apontado no Nível de Primária: manutenção da situação. Só muda a situação na faixa de 25-40 anos que nivela as percentagens de realização das variantes uvulares.

No Nível de Estudos Universitários a variante [r] passa a ser a única na faixa de 40-60 anos e aumenta as percentagens na faixa das/os mais novas/os, que igualando as percentagens continuam a preferir as realizações uvulares.

Origem Geográfica e Nível de Estudos

Tabela 31- Origem Urbana

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|---------------------|-------|-------|-------|
| Secundária | 100% | 0% | 0% |
| Est. Universitários | 25,6% | 48,8% | 25,6% |

Tabela 32- Origem Rural

| Conversa | [R] | [χ] | [r] |
|---------------------|-------|------|------|
| Primária | 13,3% | 6,7% | 80% |
| Secundária | 0% | 0% | 100% |
| Est. Universitários | 25% | 50% | 25% |

No estilo de conversa (tabelas 31 e 32) para a Origem Urbana foram distinguidos O Nível de Secundária e o de Estudos Universitários, observando-se uma forte polarização em ambos pelas variantes uvulares. No Nível de Secundária a uvular sonora é a única enquanto no de Estudos Universitários é-o a surda. As percentagens de [r] no Nível de Estudos Universitários procedem daquelas/es informantes cuja idade avançada e nível de estudos superiores determinaram uma aprendizagem normal desta variante.

Para a Origem Rural temos uma clara preferência da variante alveolar nos Níveis de Primária e Secundária. A maior preferência pelas variantes uvulares no Nível de Estudos Universitários aponta na direcção de serem estas as realizações veiculadas pela norma. Mesmo assim cabe destacar a relativa presença da variante [r] devido à origem rural das informantes. A variante [χ] é também neste nível a que tem as percentagens mais altas de realização.

Tabela 33- Origem Urbana

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-----|-----|-----|
| Secundária | 50% | 40% | 10% |
| Est. Universitários | 30% | 20% | 50% |

Tabela 34- Origem Rural

| Leitura de Palavras | [R] | [χ] | [r] |
|----------------------------|-------|-------|------|
| Primária | 12,5% | 12,5% | 75% |
| Secundária | 0% | 0% | 100% |
| Est. Universitários | 0% | 20% | 80% |

No estilo de leitura de palavras (tabelas 33 e 34) para a Origem Urbana as variantes uvulares igualam as suas percentagens de realização no Nível de Secundária, mantendo-se como as variantes mormente realizadas. No Nível de Estudos Universitários a variante alveolar aumenta as percentagens de realização até 50%, equilibrando-se com as variantes uvulares, dentro das quais a sonora é preferida.

Para a Origem Rural verifica-se uma forte preferência pela variante [r], que é majoritária para todos os Níveis de Estudos.

Por último mostrar-se-ão as percentagens totais de realização das três variantes em relação aos dois níveis de formalidade estudados: conversa e leitura de palavras.

Tabela 35- Percentagens Totais

| | [R] | [χ] | [r] |
|---------------------|-------|-------|-------|
| Coverse | 19,1% | 26,6% | 54,3% |
| Leitura de Palavras | 16% | 15% | 69% |

Nesta tabela verifica-se, pois, o equilíbrio em geral registado entre as três variantes, alcançando as uvulares em conjunto percentagens que cabe ter em conta, sabendo que são uma inovação que se está a abrir caminho e a ganhar cada vez mais terreno.

Para finalizar, destacar a tendência regista ao longo de toda a análise dos dados empíricos estudados, isto é, uma maior tendência de realização da variante [r] no estilo formal de leitura de palavras frente ao de conversa. O facto de esta ser uma variante veiculada pela norma há 20 ou 30 anos, tal e como já foi explorado anteriormente, parece ser uma poderosa razão para a verificação desta tendência.

Conclusões

Tendo em conta todos os dados analisados até agora, parece claro que o perfil das/os informantes relacionadas/os com as realizações da variante alveolar [r] é o de uma pessoa de origem geográfica rural, de idade avançada e com um nível de estudos baixo. Por outro lado, o perfil das/os informantes vinculadas/os com as realizações uvulares é o de uma pessoa de origem geográfica urbana, jovem e com um nível de estudos médio-alto.

Sabendo que a tendência de evolução de Portugal é para um crescimento das superfícies urbanas em detrimento das rurais e para um alargamento secular do ensino que alcançará massas populacionais cada vez maiores, em funda e clara relação com o aumento das tais superfícies urbanas; e tendo em conta que as faixas etárias mais jovens mostram preferência pelas variantes uvulares, pode-se concluir que na área metropolitana de Coimbra está a ter lugar um processo de mudança linguística ainda em curso que está a deslocar a etimológica variante alveolar de /r/ em favor das variantes uvulares: [R] e [χ].

A segunda das conclusões que se podem tirar é a constatação de um outro processo de mudança em curso que se define pela preferência entre as/os informantes mais jovens da variante uvular surda frente á sonora. Deste jeito, se no futuro se confirmar esta tendência, a variante uvular sonora será totalmente deslocada.

Uma terceira conclusão é a escassa importância dos parâmetros sociais de Sexo e Profissão em relação com a distribuição das três variantes de /r/. Unicamente se poderia fazer uma ligação do parâmetro Profissão com o Nível de Estudos, já que para alcançar certas profissões faz falta uma certa continuidade na formação académica das/os falantes. As percentagens são, porém, muito variáveis em relação com os parâmetros de Sexo e Profissão e, portanto, pode-se afirmar a escassa relevância destes parâmetros quanto à distribuição diastrática das três variantes [r], [R] e [χ].

Quanto à distribuição diafásica destas variantes, a quarta das conclusões que se pode tirar é a verificação de um certo aumento das percentagens de realização da variante alveolar em relação com o estilo de leitura de palavras frente ao estilo de conversa. Tal e como já foi apontado ao longo da análise dos dados obtidos, isto poderia estar relacionado com o facto de esta variante [r] ser a veiculada pela norma há 20 ou 30 anos, de jeito que os efeitos da escolarização sofrida pelas/os informantes de maior idade estaria determinando, em certo modo, esta tendência registada.

A última das conclusões diz respeito às percentagens totais de distribuição das variantes. Neste sentido, constata-se hoje em dia um certo equilíbrio das variantes uvulares em conjunto frente à variante alveolar. Este equilíbrio, que poderíamos definir como instável, vê-se, porém, ameaçado pelo processo de mudança em curso que indica uma tendência geral no futuro de deslocamento da variante alveolar em favor das uvulares.

Como este trabalho não é (nem pretende ser) mais do que uma aproximação à distribuição diastrática e diafásica das diferentes variantes da variante /r/, para que possam ficar totalmente confirmadas as conclusões aqui tiradas caberá fazer um novo estudo no futuro que venha a confirmar ou a negar este processo de mudança em curso, de maneira que fica aberto um interessante campo de estudo que nos poderá ajudar a compreender como funcionam e evoluem as línguas.

Bibliografia

- Alarcos Llorach, E.- *Gramática de la Lengua Española*, Espasa, Madrid, 1996
- Alibèrt, L.- *Gramatica Occitana*, Centre d'estudis occitans, Montpelhièr, 1976
- Aparecida Ribeiro, M.- *Literatura Brasileira*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995
- Bassols de Climent, M.- *Fonética Latina*, CSIC, Madrid, 1973
- Battaglia, G.- *Grammatica italiana*, Vittorio Bonacci Editore, Roma, 1962
- Câmara, M.- *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Padrão, 4ª Edição, Rio de Janeiro, 1985
- Canfield, D.- *La pronunciación del español en América*, University Microfilms International, Londres, 1979
- Chambers e Trudgill, *La Dialectología*, Visor Libros, Madrid, 1994
- Coseriu, E.- *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*, Ed. Gredos, Madrid, 1988
- Castro Moutinho, Lurdes de- *Falar do Porto com Todos os Bês. Um estudo sociolinguístico*, Campo das Letras, Porto 2001
- Cunha, C. E Cintra, L- *Nova Gramática do português contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 15ª Edição, 1997
- Duarte i Montserrat, C.- *Gramàtica Històrica del Català*, Curial, Barcelona, 1984
- Fernández Juncal, C.- "Elementos para una definición de clase social operativa en sociolingüística" in *Lingüística para el siglo XXI*, vol 1, Salamanca, Universidad
- García Negro, M. P.- *O Galego e as Leis. Aproximación sociolingüística*. Edicións do Cumio, Vilaboa, 1991
- Gonçalves Viana, A. R.- *Estudos de Fonética Portuguesa*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1973
- Hanssen, F.- *Gramática de la Lengua Castellana*, Librería y editorial «el Ateneo», Buenos Aires, 1945
- Isensee Callou, Dinah M.- *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*, UFRJ, Rio de Janeiro, 1987
- Jartín Cancio, L.- *Variación sociofonológica en el habla popular de Oporto*, Memoria de Investigación de Doctorado, 1998
- Joly, G.- *Précis de phonétique historique de français*, Amand Colin Editeur, Paris, 1995

- Junquera Huergo, J.- *Gramática Asturiana*, Academia de la Llingua Asturiana, Oviedo, 1991
- Labov, W.- Principios del Cambio Lingüístico Vol I e II, Ed. Gredos, Madrid, 1996
- Lausberg, H., *Lingüística Románica*, Ed. Gredos, Madrid, 1976
- Leite de Vasconcelos, J.- *Esquisse d'une dialectologie Portugaise*, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1970
- M. Lloyd, P.- *Del latín al español. Fonología y morfología históricas de la lengua española*, Ed. Gredos, Madrid, 1993
- Morais Barbosa, J.- “Sur le /R/ portugais” in *Miscelánea Homenaje a André Martinet*, 3, Universidad de La Laguna, 1962
- Moreno Fernández, F.- *Metodología sociolingüística*, Ed. Gredos, S.A., Madrid, 1990
- Moreno Fernández, F.- *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, Ariel, Barcelona, 1998
- Paiva Boléo, Manuel de- *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica, Vol. I, Dialectologia Histórica da Língua Portuguesa. Tomo I*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1974
- Rotaetxe Amusatogui, K.- *Sociolingüística*, Editorial Síntesis, Madrid, 1990
- Saussure, Ferdinand de- *Curso de Lingüística General*, Alianza Editorial, Madrid, 1998
- Teyssier, P.- *História da Língua Portuguesa*, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1994
- Teyssier, P.- *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*, Coimbra Editora, Coimbra, 1989
- Väänänen, Veikko- *Introducción al latín vulgar*, Ed. Gredos, Madrid, 1975
- Vázquez Cuesta, Pilar e Mendes da Luz, M^a Albertina- *Gramática da língua portuguesa*, Edições 70, Lisboa, 1971
- Zink, G.- *Le Moyen Français*, Press University de France, Paris, 1990
- Zink, G.- *Phonétique historique du français*, Linguistique Nouvelle, Presse Universitaires de France, Paris, 1986